

Todos continuam à espera de uma política econômica

WASHINGTON — Três meses depois da suspensão da maior parte dos pagamentos da dívida externa brasileira, os credores particulares e governamentais do país continuam esperando que o governo José Sarney adote uma política econômica que permita a retomada do crescimento e a normalização de suas relações com os mercados financeiros internacionais. Embora publicamente todos professem otimismo quanto à adoção de uma política econômica que possibilite a retomada dos pagamentos, muitos questionam em particular, a capacidade de o presidente atuar decisivamente para impedir maior deterioração.

A moratória pelo maior devedor do Terceiro Mundo encerra lições importantes para todos os interlocutores da crise. Um vice-presidente de um grande credor brasileiro diz, por exemplo, que “há três meses o Brasil suspendeu os pagamentos da dívida, mas a situação do país não melhorou. Pelo contrário. O pessoal que atribuía aos bancos estrangeiros a responsabilidade por tudo o que não funciona no país deve ter descoberto que estava incorrendo num erro. Nós sempre achamos que o problema brasileiro era muito mais interno do que externo e, agora, isso ficou mais claro para todos.

Um dos mais ativos articuladores da posição dos bancos em relação ao Brasil lembra, por sua vez, que “o mundo não caiu por causa da suspensão dos paga-

mentos pelo Brasil”. Ele diz que, no início deste ano, os rumores de suspensão dos pagamentos pelo governo brasileiro tinham estimulado especulações despropositadas sobre a solidez de todo o sistema financeiro. “Muita gente achava que bastava decretar a moratória para que os bancos corresse para Brasília, dispostos a assinar qualquer acordo que lhes fosse imposto”, diz esse banqueiro, acrescentando que “Sarney fez o anúncio pela televisão, os mercados ficaram agitados por algumas horas e depois absorveram o choque. Isso serviu para mostrar que o sistema financeiro é vasto, o número de indivíduos, bancos, empresas e governos que dele participam e estão empenhados em sua preservação é muito mais amplo do que suspeitava”.

Os credores particulares do Brasil ainda estão sujeitos a grandes pressões, que os inibem de adotar um atitude de clara confrontação com o Brasil. Para começar, eles estão divididos quanto aos resultados de um endurecimento em relação ao governo Sarney.

Vários banqueiros afirmam que agora estão em melhores condições de tratar diretamente com o Brasil porque a maior parte dos outros grandes devedores fechou acordos com seus credores e portanto não teriam interesse em romper esses acordos já negociados para se solidarizar com o Brasil. (R.G.)